

OS GREGOS TINHAM UM DEUS QUE DEVORAVA SEUS PRÓPRIOS FILHOS

“Vim pra Belo Horizonte, sonhando trabalhar numa fábrica. Rodei toda a Cidade Industrial tentando conseguir trabalho. Entre as poucas fábricas que admitiam moças, duas eram as que mais me atraíam, principalmente a RCA. No dia da minha admissão, fiquei impressionada com o tratamento que a empresa oferecia. Primeiro a psicóloga que faz o pessoal falar o que quer e o que não quer. Ela queria saber todas as coisas que eu fazia: se eu gostava de dançar, de passear, de ir a piquenique, se tinha amigas, se estudava, como eu conheci a menina que tinha me apresentado. Aí a gente fica com a impressão que a empresa se interessa muito pelo bem-estar da gente. Depois ela começa a falar sobre a fábrica, que era para a gente se orgulhar de pertencer ao quadro da empresa, pois esta tinha muito prestígio no mundo inteiro.

Hoje, depois de quatro anos, a coisa está diferente. Do jeito que a gente entrou vai sair, pois o serviço que se faz aqui não se faz em outra empresa. Só existe uma outra em São Paulo. As armas que eles têm é a insegurança do pessoal em relação a outro emprego, pois não se sabe fazer nada diferente. Quando alguém pede para sair, eles tentam segurar, dizendo que não vai conseguir outro emprego, que antes pingar que secar. Desde que entrei, só faço um tipo de operação numa mesma peça: alinhamento. É o seguinte: sentada junto a uma mesa, recebo as bandejas contendo as peças: retiro-as, coloco no dispositivo, faço cinco soldas, volto no microscópio,

alinho e vou colocando noutra bandeja à direita. Trabalho por produção e não tem acréscimo no salário. Se a gente faz menos, recebe sérias advertências, inclusive demissão. Na minha função, a produção é de duzentas peças por hora, quer dizer que quase duas mil diárias. Cada peça que faço custa no mercado trinta cruzeiros e ganho dezessete e setenta por dia. Se passo serviço com algum defeito, vêm, além dos chefes diretos, os engenheiros e técnicos e passam o maior sabão. Não posso levantar do lugar nem conversar. Para cada grupo de quinze meninas tem a supervisora e mais dois chefes. Trabalho das sete da manhã até às dezessete e trinta. Só uma hora de almoço. Não temos lanche nem podemos levar nada para comer. Férias só quando a empresa quer. Os chefes são muito autoritários.

Durante a experiência, a gente tem que dar a produção exigida, senão é mandada embora. Durante todo o dia, eles põem música orquestrada dos mais variados tipos, mas o ritmo é sempre o mesmo. Às vezes sinto sono, às vezes dor de cabeça. No fim do dia, a única vontade é cair na cama. Há meninas que comparam a fábrica com hospício, outras com prisão. Não existe uma janela, a gente fica isolada. Estas condições trazem sérias conseqüências: o mais depressivamente é o desequilíbrio mental. Sempre têm pessoas afastadas por este motivo. Só a esperança de uma total mudança dá forças para a gente continuar”. Esta é a história de Maria das Dores Belmiro, de 19 anos, conhecida como Do-

rinha, operária numa fábrica de Belo Horizonte, mais precisamente na RCA. No ano passado, Dorinha morreu atropelada. Sua companheira de quarto encontrou um caderninho onde Dorinha fazia uma espécie de diário e contava também suas experiências na fábrica. O trecho acima estava escrito nas páginas daquele caderninho.

Os discursos oficiais, especialmente nos dias patrióticos, cantam em todos os tons as loas deste nosso oásis de paz e tranquilidade, perdido como uma ilha em meio ao mundo conturbado pela inquietação social, pelas greves operárias e outros movimentos de contestação. Na verdade, a ordem aparente significa muitas vezes apatia ou impotência, diante da desordem sacramentada. Por causa da desordem sacramentada, isto é, da impossibilidade do pequeno falar e do fraco reivindicar os seus direitos, nosso povo assiste ao festival de capitais de fora chegarem aqui, a fim de engordarem às custas do silêncio impotente e indefeso da nossa força de trabalho, barateada e prostituída à força. Tudo em nome da defesa da sarcasticamente chamada Civilização cristã.

O apóstolo Paulo conta hoje que o grande mistério da história e a grande novidade dos tempos é este: Cristo está no meio de nós. Cristo está no meio de nós, na pessoa de nossos irmãos. Dessa forma, respeitar o irmão e fazer-lhe justiça são agora não só dever social, mas obrigação de respeito a Deus, presente no homem. O homem não é mais escravo, não é mais meio de produção, não é mais meio para nada e sim razão, meta e fim de toda a história. Dorinha, explorada em sua inocência de brasileira do interior, é a parábola para o que estão conseguindo, em termos de progresso, as inflamadas arengas dos nossos discursadores e a nossa civilização que ameaça, arrolha, prende, tortura e mata para defender sua herança cristã. Quando gritaram que lá vinha progresso, Dorinha não teve tempo de correr.

CATABIS & CATACRESES

OTIMISMO E ESPERANÇA

1. Explicado o sentido profundo e versátil tanto de catabis como de catacrezes, palavras ambas de boa cepa, uma nordestina e outra helênica, passemos à realidade cotidiana.

2. E a realidade é, leitores muito amados, que esta diáfana seção conta com muitos amigos e alguns inimigos. Isto! Com alguns inimigos. Os amigos batem palmas à linguagem concreta, meio marota, meio irônica, mas profundamente evangélica dos Catabis & Catacrezes. Bem hajam.

3. Mas há pela aí uns quantos e tantos cidadãos que esbravejam e dedoduram. Isto! Dos quais, a outro propósito, bem falou o grão Poeta: “Bramando, duro corre e os olhos cerra, / derriba, fere, e mata e põe por terra” (Lus I,88). Embora a tanto não cheguem.

4. Longe de nós, credo, cruz, gostar de pancada. Mas pela causa de Jesus Cristo e dos irmãos pouco se nos dá quem nos fere, derriba, mata, põe por terra.

5. Aqui está o ponto, leitor amado idolatrado: nas linhas e entrelinhas, nas palavras e reticências, nos ditos e não

ditos tanto de Catabis & Catacrezes, como de toda A Folha, sempre será possível, com um pouquinho de inteligência (um pouco menos de burrice também, tá?), descobrir a fé na redenção de Jesus Cristo e uma esperança viva de melhores dias.

6. Denunciando as misérias que aí correm, esmagando e profanando, nós confiamos no poder da graça e também na boa vontade do homem. Nossa atitude é sempre otimismo e esperança. Há melhor programa? Há melhor linha? Estamos conversados.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM (17-07-1977)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cantos: Missa do tempo comum III, disco 7 de Igreja que Canta, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



Ao encontro uns dos outros pelo Cristo aqui viemos. / Esperança e alegria neste encontro nós trazemos.

1. *É o Cristo que nos une e de todos é irmão / já está vivo e presente nesta nossa união.*

2. *Como é bom estarmos juntos e unidos no Senhor / proclamando sua bondade, sua paz e seu amor.*

3. *Pelo mundo que precisa de justiça, paz e amor / trabalhem e rezemos pra que haja menos dor.*

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
P. Amém.

S. Irmãos, a graça de Deus esteja com todos vocês, que amam nosso Senhor Jesus Cristo com fidelidade inabalável.
P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. As leituras ensinam hoje o valor da contemplação. Contemplação é calma interior, paz interior, parada na correria sem fim dos interesses imediatos. Nesse estado de espírito acontece o encontro com o mundo da fé. Paradas para pensar são portas abertas para a chegada de Deus. Abraão estava parado e receptivo, ao lado de sua tenda no deserto, aí Deus chegou e o visitou. Maria, irmã de Marta, desligou-se do atarefamento e ficou aos pés de Jesus. Jesus concordou com a atitude dela, censurando o açoitamento da irmã. Então, ficamos parados? Cruzamos os braços? O negócio é contemplar o dia todo? É perda de tempo e desgaste de vida a nossa luta? Acrescentando mais um charme da burguesia, de uns anos para cá têm corrido mundo as filosofias orientais de meditação e desligamento. Parar significa recarregar-se nas fontes da fé; mas pode significar também alienar-se, meter a cabeça na areia e deixar os problemas. O outro lado das leituras: Deus apresentou-se à hospitalidade de Abraão e de Maria. Servindo ao próximo, servimos a Deus; Deus quer ser encontrado e servido na pessoa do próximo. É o que diz Paulo, em outras palavras: o grande mistério da história, mistério escondido durante o tempo de todas as religiões pagãs, mistério que é a grande novidade da era evangélica é este: Cristo está no meio de nós. Cristo está no meio de nós na forma dos homens. É aí que contemplação demais e ação de menos podem fazer da fé uma fantasia que impede a descoberta de Deus.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, para nos tornarmos mais dignos de celebrar a Eucaristia, que é o pão da vida, examinemos como temos

mostrado aos irmãos o nosso amor, como temos ajudado e servido o nosso próximo. (Pausa para revisão de vida). Senhor, vossa bondade apagou o meu pecado. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, lavai minha alma e ficarei mais branco do que a neve. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, reconheço o meu pecado, ele está sempre diante de mim. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso, / nós vos louvamos / nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, / Senhor Deus, cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, sede generoso para com os vossos filhos e aumentai em nós os frutos da fé, da esperança e da caridade; ajudados por vossa graça, queremos cumprir fielmente os vossos mandamentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. A primeira leitura é tirada do Livro do Gênesis (18,1-10). O Senhor Deus manifestou-se na vida de Abraão, quando este tinha o coração aberto para o silêncio interior e para o acolhimento do próximo.

L. «O Senhor Deus se apresentou a Abraão junto aos carvalhos de Mambré, quando este achava-se sentado na entrada de sua tenda, na hora mais quente do dia. Abraão olhou e viu que três homens estavam parados perto dele. Imediatamente correu para eles e prostrou-se em terra, dizendo: «Meus senhores, peço-lhes encarecidamente que não vão adiante, sem ficar um pouco em minha casa. Mandarei trazer água para que lavem os pés e repousem à som-

bra destas árvores. Depois servirei comida, para que recuperem as energias, antes de prosseguirem viagem; pois creio que para isso passaram por minha casa». Eles responderam: «Faça como você está dizendo». Abraão correu para a casa de Sara e disse: «Toma logo três medidas de farinha, amassa e faz uns pães». Em seguida, ele mesmo foi ao curral, escolheu um cordeiro tenro e bom e entregou ao empregado a fim de prepará-lo imediatamente. Depois tomou manteiga, leite e o cordeiro já preparado e serviu os forasteiros. Ele mesmo ficou de fé, ao lado, debaixo da árvore, enquanto os homens comiam. Estes lhe perguntaram: «Onde está Sara, tua mulher?» Ele respondeu: «Está na tenda». O outro prosseguiu dizendo: «Dentro de um ano voltarei aqui, porque nesta época tua mulher terá um filho». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

P. Senhor, quem de nós poderá morar contigo em tua casa?

1. *Só aquele que vive sem mancha e pratica a justiça / aquele que só pensa o bem em seu coração / e guarda a sua língua da maledicência.*

2. *Aquele que não explora o seu irmão nem prejudica o seu vizinho / aquele que abomina o mal e está com os que honram o Senhor.*

3. *Aquele que não quebra o juramento, mesmo se jurou com prejuízo / aquele que não empresta seu dinheiro com usura / nem se deixa subornar contra o inocente.*

9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Carta de Paulo aos Colossenses (1,24-28). O grande mistério da história e a grande novidade dos tempos evangélicos são este: Cristo está no meio de nós, presente em nossos irmãos.

L. «Irmãos, fico feliz quando tenho de sofrer por vocês. Assim completo em minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo para o bem do seu corpo, que é a Igreja. Passei a ser servidor da Igreja, que são vocês, pela missão da qual Deus me encarregou. Preciso levar a efeito a ordem de Deus, este plano misterioso que durante séculos e gerações permaneceu escondido e agora Deus revelou aos seus escolhidos: Cristo no meio de nós como esperança da glória. Aos eleitos, Deus quis dar a conhecer as riquezas e a glória deste plano misterioso. Nós pregamos este Cristo, advertindo com insistência e ensinando a cada homem a verdadeira sabedoria, que é tornar-se perfeito em Cristo». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.



Aleluia, aleluia, aleluia!
Embora um pequeno rebanho /
de Jesus temos sempre o ca-
rinho.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evan-
gelho de Lucas (10,38-42). O homem
atual, pressionado pela vida agitada, tem
mais razões ainda de parar de vez em
quando, a fim de pensar nas questões
profundas de sua vida.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo
Lucas.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «A caminho, Jesus entrou nu-
ma aldeia e uma mulher, chamada
Marta, o recebeu em casa. Ela ti-
nha uma irmã, de nome Maria, que
se sentou aos pés do Senhor para
escutar sua palavra. Marta porém
estava muito atarefada com outros
afazeres. Chegou a Jesus e disse-
lhe: «Senhor, não se importa que
minha irmã me deixe sozinha no
serviço? Diga a ela que venha me
ajudar». O Senhor respondeu:
«Marta, Marta, você se inquieta e
se preocupa com muita coisa. Pou-
cas coisas são necessárias. Melhor
ainda: uma só coisa é necessária.
Maria escolheu a melhor parte e
esta não lhe será tirada». — Pa-
lavra da salvação. P. Louvor a vós,
ó Cristo.

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio
para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-
poderoso,
P. criador do céu e da terra. /
E em Jesus Cristo, seu único Filho, nos-
so Senhor / que foi concebido pelo po-
der do Espírito Santo / nasceu da Vir-
gem Maria / padeceu sob Pôncio Pila-
tos / foi crucificado, morto e sepultado /
desceu à mansão dos mortos / ressuscit-
ou ao terceiro dia / subiu aos céus /
está sentado à direita de Deus Pai todo-
poderoso / donde há de vir a julgar os
vivos e os mortos. / Creio no Espírito
Santo / na santa Igreja Católica / na
comunhão dos santos / na remissão dos
pecados / na ressurreição da carne /
na vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. Irmãos, as lições de hoje falam de
contemplação e atarefamento. Uma coisa
não exclui nem destrói a outra. Peça-
mos a Deus que mantenhamos o justo
equilíbrio: não fiquemos perdidos nas
nuvens nem travando nossa luta na base
do desespero!

C. 1. Pelos nossos movimentos pastorais
que despertam os cristãos: pelos nossos
encontros, as nossas reuniões, os nossos
cursinhos, os nossos círculos bíblicos, re-
zemos ao Senhor.

2. Para que esses movimentos tenham
boa orientação e realmente despertem

muitos cristãos para a consciência pas-
toral e para a responsabilidade pelo po-
vo de Deus, rezemos ao Senhor.

3. Para que as circunstâncias do nosso
trabalho profissional não nos levem a
pensamentos de desespero e que nós o
façamos no sentido cristão de amar e
sustentar nossa família, rezemos ao
Senhor.

4. Para que, em meio ao desespero e
correria geral atrás das ambições, os
cristãos sejam um oásis de paz, de
alegria na luta e de esperança nos bens
que não passam, rezemos ao Senhor.

5. Pelas intenções particulares desta san-
ta missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, escutai os nossos pedi-
dos, olhai as precisões de nossa comu-
nidade, abençoai a nossa luta e dai a
vossa graça, para fazermos o nosso tra-
balho e ganharmos o nosso salário sem
perdermos a paz nem nos desligarmos
da esperança em vossas promessas. Por
nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



**Não se deve dizer: «Nada pos-
so ofertar». / Pois as mãos mais
pobres são que mais se abrem
para tudo dar.**

1. O Senhor só deseja que em nós tudo
seja constante servir / Quando nada se
tem, só resta dizer: «Senhor, eis-me aqui».

2. Com as mãos bem abertas, trazendo
as ofertas do vinho e do pão / surge
o nosso dever de tudo fazer com mais
doação.

3. Alegrias da vida, momentos de lida,
eu posso ofertar. / Pois nas mãos do
Senhor, um gesto de amor não se perderá.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Oraí, irmãos, para que o
nosso sacrifício seja aceito por
Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este
sacrifício / para a glória do seu nome /
para o nosso bem e de toda a santa Igreja.
S. Oremos: Ó Deus, no sacrifício da
cruz, único e perfeito, levastes à pleni-
tude os sacrifícios da antiga Aliança;
santificai o nosso sacrifício, como san-
tificastes o sacrifício de Abel; e os dons
que cada um de nós trouxe para vossa
honra possam servir à salvação de todos
e ao sustento de nossa comunidade. Por
nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete
ao sacerdote somente. Após a
consagração): Eis o mistério
da fé.



P. Salvador do mundo, salvai-
nos, / vós que nos libertastes
pela cruz e ressurreição.

19 CANTO DA COMUNHÃO



**Caminha conosco, Senhor, / sus-
tenta-nos sempre o vigor / com
este alimento sagrado / presente
inefável de amor.**

1. Comungando teu corpo, Senhor, / re-
cebemos da glória o penhor / esperamos
também o esplendor / que brilhou lá no
monte Tabor.

2. Carregando conosco tua cruz / parti-
lhamos da tua paixão / esperamos tam-
bém, ó Jesus, / teu vigor que nos dá
a comunhão.

3. Prosseguindo o caminho do amor /
que se vê nos primeiros cristãos / todos
juntos, pois somos irmãos / partilhamos
do pão do Senhor.

4. Com Maria, tua mãe e da Igreja /
queremos guardar pura fé / nos revezes
nos venha a firmeza / que guardou jun-
to à cruz, sempre em pé.

20 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, permanecei
junto ao vosso povo que ini-
ciastes nos mistérios sagrados
do vosso Reino. Ajudai-nos a vencer o
homem velho que, em nós, arrasta às
ambições de salvação na segurança ma-
terial ou nos devaneios religiosos pes-
soais. Assim poderemos viver a vida no-
va de nosso Senhor Jesus Cristo, vosso
Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de inte-
resse para a comunidade):

C. Agora partimos para a se-
mana, levando na lembrança as duas
ceias bíblicas de hoje: Maria, em vez de
atarefar-se com sua irmã Marta nos afa-
zeres da casa, parou e ficou sem fazer
nada, aos pés de Jesus. E Abraão, na
calma do campo, sentado à frente da
tenda, recebendo a visita de Deus. Acon-
tece que os tempos agora são outros e
quem nos dera poderemos parar mais e
termos mais tempo para dedicar às pre-
ocupações da fé religiosa. Acontece o con-
trário: sobretudo nas grandes cidades,
somos obrigados a correr o dia todo, a
nos preocuparmos quase todas as horas
com o sustento de nossa família e, pa-
ra a igreja, só temos tempo aos domín-
gos. Os tempos não voltam atrás e nos-
sa luta de hoje, em vez de maldição, é
a cruz que carregamos com Jesus Cris-
to; ela é a nossa prática pessoal do man-
damento de amar o próximo; ela é o
nosso caminho pessoal de encontro com
Deus. A forçosa correria diária só nos
afasta de Deus, se for enfrentada na
base da ambição envolvente, da falta de
paz interior e da desesperança no Reino
de Deus. Por esse caminho, cansamos
e não chegamos a nada. Não é fora de
propósito também lembrar que são jus-
tamente os não-ricos e os não-assegura-
dos que ainda encontram mais tempo a
dedicar a Deus e seu Reino.

22 CANTO FINAL

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai
e Filho e Espírito Santo.

P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acom-
panhe.

P. Amém.

IMAGEM-CIDADE DE DEUS

1. Carroças, muitas. Alguns caminhões. E o êxodo. Depois que a menina-moça Rosana foi assassinada, muitas famílias tomaram a decisão: deixar a ilusão da Cidade de Deus e voltar para as favelas. Tentam explicar, tentam dar os motivos da fuga desesperada com os argumentos do medo, da insegurança, do impasse. Retrato não, seu moço! dizem para o repórter, com receio de serem notícia de jornal e mira dos marginais. Outros não falam. «Não, seu moço, que em favela ninguém solta a língua, sabe? senão...»

2. E conclui, cara de medo e mágoa, ante o impasse da existência perigosa dia e noite sem futuro: «... senão vai ter que acertar contas depois, de um jeito ou de outro». De um jeito? Os marginais. De outro jeito? Ah, a Polícia. Senhor Deus da Cidade de Deus ou sem Deus: que país é este? Seu João sapateiro, pai de sete filhos, confessa: «Nunca tive tranquilidade aqui; todo o mundo é desconfiado e ninguém confia em ninguém. Vou-me embora, vou pra longe». Seu João fala por muitos, voz de beco sem saída, voz de cosmo sem retorno. Senhor Deus!

3. Seu Zé Machado, criador de galinhas, pai de duas meninas, declara que na favela da Rocinha (de onde emigrou forçado e esperançoso pra Cidade de Deus) era mais calmo: «Não sei se volto pra lá, mas daqui vou sair logo qui pudé. Não vou deixá minhas filha entre assaltante e traficante». E, ladainha do medo e desespero, do sofrimento e da miséria, do abandono e da impotência, desfilam kombis e caminhões, carroças e carrinhos de mão, êxodo que marcaria de fogo a face dos doutores, se nos doutores face houvera. — (A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Ex 14,5-18; Mt 12,38-42 /
Terça-feira: Ex 14,21-15,1; Mt 12,46-50 /
Quarta-feira: Ex 16,1-5.9-15; Mt 13,1-9 /
Quinta-feira: Ex 19,1-2.9-11.16-20b; Mt 13,10-17 / Sexta-feira: Ex 20,1-17; Jo 20,1.11-18 / Sábado: Ex 24,3-8; Mt 13, 24-30.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

CRISE DO CASAMENTO

Divórcio: solução de alguns problemas e fonte de outros — crise agravada — de onde o fracasso de muitos casamentos? — casamentos levianos — horror ao compromisso — aspecto social e comunitário do casamento — uma incoerência dos divorcistas.

A Folha: *A esperança dos divorcistas é que o divórcio trará solução para muitas crises do casamento. Enquanto o casamento indissolúvel amarrava uma pessoa fatalmente, embora o amor tivesse desaparecido, o divórcio permite reconstruir a vida de família e assim corrigir os erros da vida familiar. Que é que o senhor acha desta opinião?*

D. Adriano: É certo que o divórcio pode corrigir algumas crises da vida familiar. Mas vem criar novos problemas, como sabemos de todos os países que têm o divórcio em sua legislação. Se considerarmos apenas os aspectos individuais do casamento, isto é: o casamento enquanto atinge apenas marido e mulher, é certo que o divórcio resolve alguns casos particulares. Mas resolvendo alguns casos particulares, o divórcio agrava a crise, porque elimina de antemão a certeza da estabilidade. Com o divórcio paira sobre o casal uma verdadeira espada de Dâmocles, sempre pronta a agir.

Paremos um pouco neste ponto. Reconhecem todos que o fracasso de muitos casamentos provém da imaturidade e do despreparo psicológico dos dois esposos ou de um deles. Isto vale também para o casamento religioso, que devia ser uma conseqüência de fé viva mas se transformou em muitíssimos casos numa cerimônia externa, desprovida do seu conteúdo evangélico. Pois bem: a perspectiva do divórcio — “se não der certo, a gente se separa e procura outro companheiro/companheira” — aumenta a irresponsabilidade. Raras vezes o divórcio será remédio para casamentos que fo-

ram assumidos por pessoas preparadas, maduras. Será geralmente “solução” para os casamentos levianos, irrefletidos, apressados, baseados em valores humanos secundários.

De fato, é notável a leviandade com que tantos casais se unem e desunem. Mesmo quando a legislação estabelece certas normas para tornar possível o divórcio, a tendência é eliminar todas as condições e todas as normas, para admitir plena liberdade. A tendência é considerar como tabu as restrições impostas pela lei natural, pela lei eclesial, mesmo pela lei civil, e abrir todas as portas à decisão pessoal dos esposos ou de um deles. Porque também isto acontece: nem sempre os dois esposos estão de acordo com o divórcio, muitas vezes há uma parte que se considera ligada à sua palavra e ao seu compromisso, enquanto a outra parte já se desligou, devido a nova ligação sentimental.

Mas há um outro aspecto profundo no casamento que nem sempre se quer aceitar: o seu aspecto social e comunitário. O casamento interessa a comunidade, já que é através do casamento que se estabelece a primeira comunidade humana — a família. Se a legislação tanto religiosa como civil se interessa pelo casamento, pela família, pela educação, este interesse é fundado na importância do casamento para a sociedade. Não é interferência indébita. Os próprios defensores do divórcio admitem implicitamente esta realidade, quando, apesar de tudo, ainda se batem pelo casamento e por novos casamentos. Senão, por que não defendem simplesmente o amor livre? Mas defendendo o casamento e novos casamentos, estão reconhecendo implicitamente o aspecto comunitário e social da aliança conjugal e da vida familiar. Ao mesmo tempo no entanto criam situações legais que reduzem acentuadamente o aspecto social e comunitário do casamento.

LITURGIA E VIDA

AS LEITURAS BÍBLICAS

As leituras bíblicas, do Antigo e sobretudo do Novo Testamento, são muito importantes. Nelas Deus nos fala pelo autor inspirado. Trata-se de água puríssima da fonte que não deveríamos trocar por nenhuma outra, por mais sedutora que pareça. É claro que em círculos bíblicos e outras reuniões se deveria aprofundar a leitura e o conhecimento dos livros sagrados.

Em todas as missas deve haver pelo menos duas leituras. A primeira é tirada do Antigo Testamento ou de algum livro do Novo Testamento, por exemplo, as cartas dos apóstolos, os Atos, o Apocalipse. A segunda leitura é do evangelho. Aos domingos e nas festas/solennidades há três leituras, sendo a terceira tirada do evangelho.

A leitura do evangelho cabe ao diácono, a um padre, ao celebrante. As outras

a um ministro especial (o leitor) ou a um leigo, homem ou mulher, da comunidade. A leitura começa sempre pela indicação do livro e do autor. Na leitura do evangelho o celebrante diz primeiro: *O Senhor esteja convosco*, ao que o povo responde: *Ele está no meio de nós*. E acrescenta: *Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus/Marcos/Lucas/João*. O povo: *Glória a vós, Senhor*. No final da leitura do evangelho o leitor diz: *Palavra da salvação*. E o povo conclui: *Glória a vós, Senhor*. No final das outras leituras o leitor acrescenta: *Palavra do Senhor*. Povo: *Graças a Deus*. As leituras são feitas do ambo ou da estante. Sempre com voz clara e pausada, de modo que todos possam escutá-la. Quem lê, deve preparar-se. Talvez fazer uma pequena meditação para compreender melhor o sentido do que lê.